



## EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA.

QUEM não terá lido a collecção d'imaginosaes contos arabes, que tem por titulo — *as mil e uma noites*—, e que, depois da traducção pelo orientalista francez Mr. Galland em 1711, tem corrido a Europa, verdadeira em todas as linguas, inclusivamente a nossa? —

VOL. V. MAIO 1.º — 1841.

A historia da alampada maravilhosa, por exemplo, apesar de sua extravagancia, por algumas horas terá captivado a attenção das pessoas que conhecem a letra redonda. É immensa a popularidade desses contos, porque alem do merecimento de conservar na expectativa até ao fim a curiosidade do leitor, pintam os usos e as crenças d'um povo, que a todos os



respeitos muito differe dos povos europêus: e note-se que o conhecimento reciproco que as nações adquiriram dos seus costumes, origem e superstições, em summa das numerosas feições de seu peculiar caracter, não procede de graves narrações, como historias, chronicas, annaes, mas da vulgarisação dos contos, anedotas, lendas e xácaras. O povo conhece a Hespanha pelo D. Quixote de Cervantes (1) e não pelos grossos volumes do P.<sup>o</sup> Marianna, porque o «D. Quixote» é geralmente lido como as «mil e uma noites.» Entre nós são hoje populares muitos factos da historia da Escocia; mas não o eram antes de correrem em portuguez, ou em francez, que ou bem ou mal muita gente rumina, — os romances historicos de Walter Scott.

As «mil e uma noites» formam uma collecção de contos soltos, que foram compostos por diversos auctores orientaes; houve porem um compilador, que para os prender e fechar n'um quadro e para excitar mais a curiosidade, inventou a fabula com que o 1.<sup>o</sup> volume começa, e de que não fallariamos, se não fosse a gravura estampada neste n.<sup>o</sup> — Schazenan [nome que por diversos modos temos visto escripto], rei de Samarcanda, teve um convite de seu irmão, o sultão Schariar, monarcha das Indias, para que o visitasse; deliberou-se á viagem, e despediu-se de sua mulher, que muito amava, com lagrimas de ternura; seguindo seu caminho, já fóra das portas da capital de seus estados tanto o apertou a saudade que quiz dizer novamente adeus á sua esposa; infeliz foi a inesperada volta, que serviu de lhe patentear a propria infamia: irado o sultão vingou sua injuria degolando os dois culpados: mas a alegria fugiu-lhe da alma; e de semblante tristonho, taciturno e melancolico se appresentou na côrte de seu irmão, sem querer, apesar de repetidas instancias, declarar o motivo de seu penar. Certo dia que Schariar andava entretido na caça, Schazenan, de contínuo pensando na infidelidade da esposa, encostou-se a uma janella e viu a sultana das indias no jardim e o opprobrio de seu irmão: deitou logo a tristeza para traz das costas, e quando Schariar ao recolher-se, pasmado de tão subita mudança, lhe inquiriu a causa, declarou sem rebuço as affrontas e desventura d'ambos. — Socegado o impeto da colera, Schariar procurou convencer-se evidentemente; e para esse fim dahi a dias os dois irmãos ordenaram outra caçada a logar distante; partiram com effeito, mas logo secretamente entraram no palacio para aposento opportuno. A estampa os representa espiando o jardim por uma janella e colhendo a mais tristissima certeza. Consolaram-se mutuamente, e resolveram correr mundo para vêr se existiam esposos mais infelizes que elles. Daqui por diante estâmos dispensados de seguir a historia: sabida é a aventura do gigante que sahiu do mar, o que desenganou os dois irmãos e os fez voltar para casa, onde Schariar saciou a vingança, espargindo sangue feminil; sabida tambem é a balda de gostar de contos que elle tinha, e como a engraçada e espirituosa Scherazada [nome que tambem tem variações] pela prenda de bem contar espaçou a morte que a esperava, e por suas boas qualidades captivou a alma do sultão; finalmente todos conhecem o enfadado estribilho de Dinazarda: — «contai-me, minha irmaã, se estais acordada, um daquelles lindos contos que sabeis.» —

O episodio de Jucunda, no canto 28.<sup>o</sup> do immortal poema do Ariosto (2), que La Fontaine imitou n'um

(1) Vid. o retrato e noticia de Cervantes a pag. 20 do 2.<sup>o</sup> vol.

(2) Démos o retrato e biographia de Luiz Ariosto a pag. 89 do 3.<sup>o</sup> vol.

de seus contos, tem muitas parecengas com aquelle princípio das mil e uma noites: e dahi provem que no alto da cercadura que enfeita a nossa gravura se divisa um retrato do cantor do — Orlando furioso — e pelos arabescos entremeadas algumas allegorias a passagens deste poema.

CARTA DO BISPO OSORIO AO CONFESSOR  
DE D. SEBASTIÃO.

(Conclusão.)

No aborrecimento, que elrei nosso senhor mostrar a Lisboa, havia muito que dizer, porque posto que muita gente cuida que foi invenção do cardeal, depois que teve obrigação de residir nella, os mais dos homens teem para si, pelo que ouvem do Sr. Martim Gonçalves, que é favorecido d'elle e de Vossa Reverendissima, que entendem quanto melhor se podem apoderar da pessoa d'elrei, trazendo-o pelos campos, aonde pousa Vossa Reverendissima com elle das portas a dentro, e haja menos senhores de que se arrecêem, que em Lisboa, aonde a communição hade ser a gente de auctoridade, que hade chamar elrei mais; e posto que das tengões Nosso Senhor só póde ser juiz, não se deve pôr muita culpa aos que cuidam isto, pois a razão que elrei dá para fugir tanto de Lisboa, foi tão mal cuidada de quem lh'a deu, porque dizem que não ha outra senão os peccados que nella ha, e o não querer vêr occasião de que os fidalgos se entreguem nella, a qual fóra quiçá de receber, se elrei os trouxera atracados a si com favores, e com bem conhecimento, e assim os obrigára a segui-lo pelas aldeas, e quando o paço fóra, como sohia ser, eschola onde toda a nobreza mammasse como leite as boas manhas, e partes, que servem para ornamento das pessoas e ser da côrte de um grande principe, mas andando os mais, como andam, fóra da côrte, e tendo já poucos entretenimentos que os ajude e obrigue a segui-la, que se póde esperar, senão que vivam em Lisboa muito mais dissolutos agora, que nunca, faltando-lhes a conversação e occupação do paço, e que se costumem a exercicios baixos, e que venha a ser a perdição da nobreza de Portugal [que tão mimosa sohia ser dos reis] o proprio que elrei diz toma para seu remedio, e andam estes que vivem fóra de Lisboa fazendo com a ociosidade do campo mil excessos com mais escandalo e perdição sua, e se não a experiencia o diga.

Pois esta tamanha instancia, que D. Luiz de Torres agora veio fazer da parte do papa, isto, para o casamento d'elrei, tem dado tanto que fallar á gente, quanto Vossa Reverendissima não poderá crer, e a mais della está persuadida que só Vossa Reverendissima e o senhor vosso irmão foram os que tiveram elrei em teso, por se recearem haver mudança na valia, com Sua Alteza mudar estado, e já que lhe comeci a dizer o que passa, tambem lhe direi o que tem a gente para si: isto nasce a meu ver do muito que desejaram este casamento, pela esperanza que tinham de vêr esta mudança; e o que nisto é para sentir, que como a terra cuida que fazer Sua Santidade tanto por este casamento é pelo haver por necessario para algum remedio de França e da christandade, estranhamente se escandalisa de caber no peito de duas pessoas religiosas quererem perpetuar seu logar com perda tão importante e universal. Não esqueça aqui a razão por que Fr. Pedro de Souto deixou de confessar ao imperador Carlos 5.<sup>o</sup>, e por que Fr. Luiz de Chaves deixou de confessar a elrei D.



João 2.<sup>o</sup>, e o modo de que engeitou o arcebispado de Braga, e posto que serão pela ventura diffamantes, accrescentam o escandalo como que o não foram. Veja Vossa Reverendissima, pelo amor de Deus, que se póde esperar quando se virem as cartas destas novas por toda a christandade, quando os mercadores de Lisboa escreverem a França, Castella, Flandres, Alemanha, Italia, e a todas as outras partes com que tem commercio, que o Padre Luiz Gonçalves, pessoa tão abalisada, e principalmente na Companhia, e seu irmão, feito e creado á sua mão, houveram por menos mal perder-se de todo França, descontentar ao papa, aventurar a amizade de Castella, pôr os naturaes em perigo, com o desgosto dos reis visinhos, que arriscar um pouco do mando que tem, principalmente ajuntando-se a isto, quão desventurado fica tambem Portugal, com o não ficar na christandade com quem elrei nosso senhor possa casar tão cedo. Que credito será o da Companhia nos outros reinos! Que devoção lhe terão os outros principes! Como se fiarão della quando virem que deste reino sahem, onde tudo se governa por ella!

Dir-me-hão que a verdade de suas consciencias os assegura; confesso que é grandissima consolação, e que mal poderei eu crer nunca isto, que a gente diz, destes dois religiosos, pois de turcos o não crêra, mas a uma só cousa não acho rasão, nem a Vossas Mercês desculpa; como se atreve o senhor vosso irmão mancebo, e Vossa Reverendissima mettido no seu collegio, a tomar sobre si tamanha carga? Como ousaram que el-rei nosso senhor, que tão sujeito lhes está, contra parecer dos do conselho, com Vossas Mercês só resolvesse em negocios tão importantes? Como não fizeram o possivel para que elrei nosso senhor chamasse os senhores e homens de ser que ha no reino, ou condescender com seus pareceres, ou para negar com elles, ou para serem testemunhas, que elle só por si o negava sem presumpção de ninguém? Materia era esta para se um rei de dezeseite annos resolver por si só, e para nenhuma pessoa particular querer ser havida por auctor della; porque se elrei se resolveu com Vossas Mercês, como a gente cuida, foi grande atrevimento, não se espantem do escandalo da terra; e se não foram desse parecer [como nos dizem], não sei se diga que foi grande esquecimento não trabalharem muito depressa por terem companheiros, ou para effectuar, ou para testemunhas de seus desejos. Praza a Nosso Senhor que não seja eu falso profeta, e não paira isto antes de muito tempo algum mal, e não fallo sem causa.

Bem vejo que vou sendo um pouco comprido, mas desculpa-me o zelo da affligida patria, o amor do meu rei, e o que tenho em particular a Vossa Reverendissima. Que confiança é a do Sr. Martim Gonçalves em tomar um tamanho pezo sobre si só, e querer sustentar o ceu em seus hombros sómente? Que homem houve nunca neste reino que se atrevesse a estas cousas? Ainda que não fôra senão por siso, houvera de querer que se fizeram algumas cousas por outras pessoas mal, antes que por si todas bem. Quanto mais que não está a terra tão perdida e acabada que não haja muitos pelos cantos, de zelo, prudencia e conselho para servirem tambem a elrei e aproveitar a terra; e se pela ventura entende ou receia que são de desconcertados pareceres dos seus, esses devia de querer que andassem sempre a par d'elrei, se é verdade que Vossas Mercês querem que se cuide delles, que não desejam senão acertar, porque quando se vem diversos pareceres e diversas rasões, acerta-se melhor com o que cumpre e com o bom, e evita-se um tamanho escandalo da terra, como é haverem elles todos os pareceres por errados, senão os seus.

E como quer Vossa Reverendissima que se receba ensenhorear-se elle tanto de tudo, que até o costume antigo do reino, e que tanta auctoridade dava á justiça, de os desembargadores do paço estarem ás sextas feiras com elrei, se tirasse com elle entrar? Que quer que se cuide senão que trata d'embair elrei, para que não veja com outros olhos senão com os seus, nem ouça outra rasão senão a sua, nem cuide que ha outra justiça senão a que elle diz, nem ha outras letras senão as suas? Por muito virtuoso, inteiro, sisudo e zeloso que seja, a natureza não soffre cuidar que faz vantagem a todos os velhos e muito experimentados, e se lhe não faz a elrei e a toda a terra muito grande injuria em estarem os cantos cheios de cãas e merecimentos e pessoas de que se diz que se tratava de as trazer a par d'elrei; e elle de dezeseite annos, e a honra de todos os homens entregues a trinta e tantos principalmente, pois Vossa Reverendissima não se quer dar por auctor das cousas, e ainda que se déra, não deixaram de ser justas estas queixas dos homens.

Faça Vossa Reverendissima por amor de Deus [pois deve ter amor a elrei como quem o creou] chamar homens de que a gente tenha credito e satisfação [que pudera apontar, porque ouço e sei] e d'auctoridade diante d'elrei, e de ser e merecimentos, e parta as culpas para muitos; aventure-se o senhor seu irmão a valer menos, e a lançar elrei mão d'outra gente, desbaratada e perdida de todo, por mais merecimentos que tenha, tanto que o senhor vosso irmão tiver pouco gosto della; porque tudo por derradeiro vem a resultar em odio d'elrei, inquietação da terra, e muito maior odio de Vossas Mercês ambos. Torno a tomar a Deus por testemunha, que não accrescento de mim, senão que digo o que o commum da gente diz, movido de zelo christão e do amor da patria, e por cumprir com a caridade christã. Não trate Vossa Reverendissima de querer saber quem isto escreve, porque se lhe parecer bem, contentar-se-ha quem o fez com o remedio das cousas, e com rogar Vossa Reverendissima a Deus por elle; e se lhe parecer mal o zelo o desculpe, e como Deus é auctor das verdades, cuide que lhe manda dizer estas por outra asinha como a de Balaão. Nosso Senhor alumie a Vossa Reverendissima, e o ensine a acertar sempre.

#### DEFENDE-SE GOA DE TODO O PODER DO HIDALCÃO.

O HIDALCÃO, um dos principes conjurados contra o imperio portuguez no Oriente, veio sobre a ilha e cidade de Goa com poderoso exercito de cem mil homens, de que eram de cavallo uns trinta e cinco mil. Trazia dois mil e cem elephantes de guerra, e mais de trescentas peças de artilheria, a maior parte grossas e de bronze. Os gastadores e gente que seguia o exercito eram sem numero. Ao mesmo tempo cahiu o Nizamaluco sobre Chaul, e disputou-se-lhe fortemente no castello do vice-rei, que então era D. Luiz d'Attaide, se se devia largar ou defender aquella praça. A maior parte dos votos dizia: «Que o intento de se defender juntamente uma e outra, era caminho quasi infallivel de se perderem ambas: que o poder dos portuguezes era tão debil, que unido apenas bastaria para uma justa defensa: que nas perigosas enfermidades convinha perder uma parte menos nobre para conservar o todo: que, perdendo-se Chaul agora, se poderia cobrar depois, mas perdendo-se juntamente Goa e Chaul ficaria a perdição sem remedio.» Estas eram em summa as rasões dos que seguiam aquella parte; mas o vice-rei seguiu invariavel a contraria. Dizia, e com elle bom nu-



mero de votos: «Que largar Chaul ao Nizamaluco seria dar-lhe juntamente com a praça novos alentos para outras conquistas. Que com a perda daquella cidade se envolvia a da reputação e do credito, alma dos bons successos nas emprezas militares. Que se os portuguezes se dividiam para a defensão, tambem se dividiam os inimigos para a expugnação. Que o valor portuguez sempre emprehendêra difficuldades maiores que as suas forças, e sempre com felicidade. Que, finalmente, a fortuna aborrecia os tímidos, e se namorava dos corações generosos, e dos conselhos ousados.» Prevaleceu este parecer [que no vice-rei sempre fôra dictame sem duvida] e logo despediu promptos soccorros a Chaul, de gente e munições, e com mão tão larga que parecia esquecer-se de si por acudir aos seus. Logo tratou de fortificar os passos por onde se podia intentar a entrada da terra firme para a ilha de Goa, e por elles dividiu os soldados, e reservou um pequeno troço, mas escolhido, para acudir aonde importasse. Parecia-lhe que podia rebater ao longe o impeto dos inimigos, de fórma que não tocassem na cidade, e o conseguiu, mas á custa de immensos trabalhos, de perigos immensos. Os combates eram de cada dia, as baterias e as sortidas de cada hora, supprindo o valor dos portuguezes a desigualdade do numero, o qual excedia tanto nos contrarios que com alternadas tropas, trazidas de refresco, em mutua competencia, e com incessante obstinação, não deixavam respirar os defensores. A tudo acudia o vice-rei, já dispondo, já pelejando, como homem insignemente grande em valor e disciplina. Não cessavam os assaltos de dia nem de noite, nem os perigos, mortes e ruinas. Até que sobre quasi seis mezes de ardente e successiva expugnação, mandou o Hidalcão no dia 4 de Março de 1571 accommetter ao mesmo tempo todas as estancias, e ordenou juntamente que cinco mil homens passassem a alojar em uma pequena ilha chamada Mercantor, que estava entre a de Goa e a terra firme, entendendo que divertidos os nossos por tantas partes, se descuidariam daquella, e que por alli facilitaria a invasão. Accommetteram numerosos e resolutos, concebendo maiores brios com a vista do seu rei, que os estava vendo. Acudiram os portuguezes poucos em numero, mas valorosos e costumados a vencer. Travou-se entre uns e outros uma asperissima batalha, que durou muitas horas, e quando fervia mais furiosamente soube o vice-rei que a ilha Mercantor era entrada, e sem dilação mandou passar a ella tresentos soldados escolhidos, os quaes carregaram os mouros com tanto impeto, que de cinco mil apenas escaparam mil e tresentos; os mais pereceram ou cortados do nosso ferro, ou affogados no rio, entre elles o seu commandante, Solimão Agá, turco de grande fama, e um cunhado do Hidalcão. A este successo, pelo qual aquella pequena ilha começou a ser chamada *a ilha dos mortos*, correspondeu o que lograram os portuguezes em todas as estancias. Em cada uma se deu uma batalha; e em cada uma conseguiram uma victoria, obrando acções e proezas sobre todo o encarecimento grandes. Ficou o Hidalcão tão cortado, que logo começou a entrar em pensamentos de paz, e posto que perseverou no campo alguns dias para adiantar as condições della, finalmente veio a render-se á vontade do vencedor, e voltou para o seu reino com excessiva perda de gente, de artilheria, de bagagem, e maior, de reputação. — (*Ann. Hist.*)

#### O MEZ DE MAIO.

Fôra nosso intento escrever algumas linhas sobre es-

te mez florido e loução, mas falleceram-nos com a vontade as forças, lembrando-nos do seguinte trecho em elegante prosa, escripto pelo Sr. Castilho, e impresso no fim da collecção de lindos Poemetos, que com o titulo de — Primavera — deu á luz, em 2.<sup>a</sup> edição muito melhorada e accrescentada, em 1837. Quando podessemos colligir as mesmas noticias, que este breve attigo comprehende, como nos atreveriamos a luctar com a felicidade das expressões e primor de linguagem, de que o Sr. Castilho se serve para as expôr? — Preferimos por isso inserir o artigo alheio, certos de que nos ficarão mais obrigados os nossos leitores, do que se lhe offerecessemos outro de nossa propria lavra.

«É a apparição deste mez uma festa da natureza, em que sempre os homens se alegraram: quizeramos poder tributar-lhe algumas flores pelas tantas que nos elle concede. Não teçamos o seu encomio daquillo que sendo sensível a todos não carece de ser descripto. Zéfiro e rosas, rôlas e rouxinoes, abelhas e borboletas, a terra toda verde, o céu todo azul, as noites começando a fugir como envergonhadas de esconder as alegrias da natureza, objectos são que ainda que desde a origem do mundo se appresentem sempre novos, já se tornaram logares communs nas descripções da poesia. Voltemo-nos para as recordações; embalemos e adormecemos com ellas por um pouco o espirito martyrisado dos absurdos e crueldades destes maus tempos, em que já se não criam fabulas risonhas e innocentes, coloridas pela imaginação, animadas pelo amor.

Foram os homens antigos os que, idólatras da concordia, para melhor a insinuarem á terra, collocaram nos astros a sua imagem brilhante, e ao signo de Maio chamaram o signo dos gemeos. Elles foram os que sensíveis aos encantos das artes, consagraram este mez a um deus, que vivificando a natureza pela luz e calor, presidia com a lyra na mão aos prestigiosos artificios que a embellezam. Almas petrificadas ha ahi, para quem estas saudades do mundo antigo são frivolas, comparadas com um artigo de gazeta; para nós é delicioso andar mergulhando pelo oceano dos seculos, e não voltar a assentar-nos na nossa ilhota escabrosa e esteril, senão carregados dos coraes, das perolas, das riquezas formosissimas, que se cá não produzem. O fundador de Roma dedicou aos mancebos (*juvenes*) o mez de Junho; era essa a idade que lhe fazia ganhar victorias, mas já primeiro havia consagrado o Maio aos velhos (*majores*), porque feroz como era, Romulo experimentava o affecto que nos attrahe para com o antigo. Passemos por alto festas mysteriosas da deusa Bona, celebradas pelas romanas no primeiro de Maio, em todo o segredo dos penates e sem testemunha de varão; visitas das vestaes ao pontifice maximo e principaes magistrados da republica; contemplemos a expiação dos Lémures, pois que usos nossos me parecem ter dahi recebido origem.

Á meia noite levantava-se o pai de familias, ia-se descalço, calado, e cheio de terror santo, á fonte, dando por todo o caminho amiudados estalos com os dedos para afugentar os genios maus. Lavava tres vezes as mãos, e tornando-se para casa, vinha atirando uma a uma, por cima da cabeça e para traz de si, favas negras, de que trazia cheia a boca, e articulando taes palavras — *com estas favas me resgato a mim e aos meus*: — o que por nove vezes repetia, sem olhar para traz, para não espantar o espectro que vinha apanhando as favas negras. Tomava agua por uma ou duas vezes, batia n'um vaso de

(\*) Vid. a noticia deste livro interessante a pag. 104 do vol. 1.<sup>o</sup>



bronze, e para conjurar a sombra a lhe largar a casa, por nove vezes repetia — *Sahi, ó manes paternos.* — Eis provavelmente donde provieram estes sustos vagos que ainda se dão a sentir aos homens rústicos no principio de Maio; este uso de se repartirem e comerem castanhas seccas para evitar que o Maio se apodere de nós. A imaginação do bom povo perdeu de vista essas larvas, mas o medo que ellas produziram lhe ficou: é uma especie de moeda, que safada como está de passar de mãos em mãos, ainda conserva a sua valia.

Outros costumes de Maio tem o nosso Portugal, a que folgáramos que alguém escavasse e descobrisse a raiz, sendo certo que na historia a devem ter. O Maio pequenino, que seguido de todas as crianças do bairro, corre enfeitado de flores as ruas da cidade, ao som de um cantar antigo e uniforme; aquellas mimosas Maias tão arraiadas e donosas, que á orla dos caminhos se encontram cumprimentando os passageiros; aquell'outro estilo, já talvez hoje passado, de se deitarem n'um mesmo leito um casal de crianças innocentes, para se lhes cantar em roda um como epithalamio, ou trova de suas bodas; os descantes amorosos dados com a viola nesta occasião pelos aldeões ás suas escolhidas; não provirá tudo isto de alguma já perdida lembrança de cultos da deusa Maia? E a usança de ornar com flores maias as portas e interior das casas, não será reflexo distante dos festejos romanos á deusa Bona?

A religião, que para si tomou ornato de tantas joias ao paganismo, não se desdenhou tambem de perfilar este mez. Em muitas freguezias, pelas nossas provincias do norte, o bom parochó vai benzer no principio de Maio a bandeja de rosas que entre os devotos se distribuem e se commungam, porque esta flor abençoada traz felicidades. — Vem depois aquellas tão esperançosas, tão cantadas e tão sabidas ladainhas de Maio. — Hoje os camponeses de França vão plantar o seu Maio á porta das pessoas honradas da sua freguezia: os inglezes renovam de certo modo as antigas *Vigilias de Venus*: os gregos, como se os seus poetas d'outro tempo os inspirassem ainda, e a éra das Elegias tornasse á reviver, vão descantar amores e pendurar grinaldas aos umbraes das suas inclinações: e os moradores de Roma, segundo nos foi dito por quem lá foi a essa terra de saudades, ainda agora se reúnem na fonte de Egeria a respirar as delicias da natureza, debaixo daquelle ceu de tanto amor, que não a pensar em Numa e na grandeza antiga dos romanos, de que a elles só veio em herança a terra coberta de muitas ruinas.

Para que servem todas estas memorias, nos estão perguntando os insaciaveis de politica? e nós não lhes sabemos responder senão que a nós estes pensamentos nos fazem muito bem, e que aos amigos de passatempos innocentes se não hade prohibir o que a ninguem faz mal. Deixai-nos ser algum dia do anno semi-pagãos. São as superstições da politica ambiciosa as que empecem á felicidade, mas estes graciosos prejuizos de nossos pais a nenhuma cousa do mundo damnam. E de mais, se havemos de dizer toda a verdade, a fé, que a estes pobres erros acompanha, costuma trazer consigo muita piedade religiosa, e nella alguma doçura moral, que nem sempre vai por onde vai a enganada philosophia. Ditoso daquelle engenho que podesse trazer outra vez ao mundo a innocencia que nos lá ficou no paiz das fabulas! mas interromper um sonho de poesia quando se julga que a felicidade vem apoz os nossos passos, voltarmo-nos, como Orpheu, para a abraçar, e vermo-la fugir e desaparecer n'um ai, e um

mundo de realidades dolorosas estender-se immenso diante de nós, oh! isto é muito triste!»

## AS FLORES.

*Reflexões moraes.*

DOANDO aos homens as riquezas que a terra produz, Deus perpetuou a sua dadiva por todos os seculos e gerações, mediante a attribuição que deu ás flores de renovarem de anno para anno as plantas, cujos germens fecundam. Porem se o destino das flores fosse unicamente fornecer o germen reproductivo, não haveria a multidão dellas que observamos, com tão engraçadas fórmas e tão esplendidas côres, que parece não terem outro prestimo senão o de comporem um ramalhete: e repare-se quão pouco brilhantes são, examinadas uma por uma, as que precedem os pomos nas arvores fructiferas, os grãos cereaes nas gramineas, e em geral todas as dos vegetaes mais necessarios e uteis para o homem! Observe-se como os animaes brutos olham para as flores com indifferença, confundindo-as com a herva commum, e calcando aos pés as mais lindas; ao passo que o homem, em meio dos innumeraveis objectos que o rodeam, as distingue e busca com prazer e desvelo. Não destinou a Providencia tão formoso ornamento da terra para fins puramente physicos e materiaes; enriqueceu com estas joias a habitação do ente que á sua imagem e semelhança creára, para lhe facilitar um gozo innocente, e ao mesmo tempo pôr-lhe diante dos olhos um espectáculo, que lhe lembrasse a omnipotencia do Creador. Desfructâmos com effeito a vista e o perfume das flores, e estes mimosos objectos devem elevar a nossa alma á contemplação dos attributos da divindade.

Por toda a parte nascem as flores, na copa das arvores, e na herva rasteira; aformoseam valles e montanhas; esmaltam prados; e as colhemos pelas orlas e na densidão das florestas, e até nas charnecas e descampados. Esta multidão é precisa, porque muitos são os accidentes a que são expostas: se, por exemplo, não brotassem em tanta copia nas arvores que produzem os fructos, sem elles ficariamos as mais das vezes: e onde achariam as abelhas o mel, que tão agradável e proveitoso é, se a Providencia não tivesse multiplicado os depositos, de que ellas o sabem extrahir? — Admiravel é ainda mais a variedade das flores: só o Poder infinito e a previdente Sabedoria divina podiam crear tão prodigiosa diversidade de objectos, que entre si mantem muitas e estreitas analogias e semelhanças: se todas ellas fossem perfeitamente parecidas na organização, na fórma externa, tamanho e enfeites, cançaria uma tal uniformidade os nossos sentidos, e geraria aborrecimento: se no verão desabrochassem as mesmas que ostenta a primavera, nem as admirariamos, nem lhes prestariamos o esmero da cultura: portanto essa aprazivel diversidade é tambem effeito da suprema Bondade.

Se na distribuição do colorido se notam differenças sem conto, não menos se observam na figura: vêde umas erguidas e que ao sopro benigno dos ventos se balouçam com senhoril gravidade, e outras humildes, tímidas, que não ousam erguer cabeça acima da planta mãe que lhes dera o ser, e que nem por isso escapam á vista indagadora, adquirindo louvores pela miudeza e regularidade de suas feições. Que elegancia e symetria não ha naquelles pés pyramidaes revestidos d'açucenas! Quando á beira d'um regato, crescendo em meio d'hervas, o lirio



branco alardea a sua candura, direito sobre a haste que o nutre, retratando-se a sua effigie no crystallino das aguas, quem não admira nesta flor o rei dos valles! É seu irmão, o lirio roxo, trajando as penitentes côres da quaresma, se está offerecendo nos cômodos e vallados, convidando as mãos curiosas a colhe-lo, para ir adornar os altares no tempo em que a Igreja lembra aos fieis os seus mais solemnes mysterios. Mas ponhâmos ao pé desta flor magestosa o modesto amor-perfeito; que promette elle de longe?.. Sem o pesquisar no seu asylo, quem avaliaria o mimoso veludo de que se veste?... Uma observação nos sobrevem agora ao pensamento:—as flores, que nos jardins se reputam hoje vulgares, são talvez as mais bonitas, as mais dignas de admiração e apreço. Usual é que o mundo desestime o que não tem o sabor da novidade e o preço imposto a uma difficil aquisição.

Flores ha que brilham pela viveza e combinação de côres mui distinctas, outras agradam pela singeleza e brandura do colorido: umas embalsamam o ar com fragancias, outras tão sómente recreiam os olhos: algumas possuem todos estes encantos. Quanto é bella a rainha das flores, quando desabrocha cercada de verdura propria sobre o ramo espinhoso, que sahe da fenda de um rochedo humido, quando a viração a embala sem a desfolhar e a aurora a rociou de suas lagrimas; esplendor e perfumes lhe acrescentam a gentileza! As vezes a mosca canthárida pousa n'uma de suas pétalas ou folhas, fazendo o verde-esmeralda do insecto realçar o carmin da flor. Parece que nos diz então a rosa, symbolo do prazer pelos seus attractivos e por sua curta duração, que o perigo de continuo anda com ella, assim como é fatal companheiro do prazer; que se a prudente precaução lh'o não affastar, tardio será o arrependimento, destruidos os elementos da vida.

Entremos agora n'um jardim: consideremos no que seria sem os desvelos da cultura: em vez de talhões viçosos e florentes só veriamos campo bravo, por onde bracejariam garças e cresceriam abrolhos. Será assim a mocidade, quando se descuidarem de a cultivar por meio de opportuna e proveitosa educação: se a infancia for em tempo conveniente submettida a uma sabia disciplina, será flor amavel que logo no principio agradará a todos, e que para o futuro dará bem sazoados fructos, uteis á sociedade commum.

Vêde a violeta nocturna, ou juliana singela, que ao anoitecer aromatisa o ar, sobrepujando a todos os perfumes vegetaes; privada de belleza, mal parece uma flor, custando a distingui-la da folhagem: semelha o homem destituido de graças physicas, que a natureza indemnizou desta falta com dotes mais solidos, as excellentes qualidades do coração. Em silencio e na obscuridade o justo pratica o bem; e ao redor de si diffunde, ainda que em limitado ambito, a jucunda fragancia de suas boas obras: e quem deseja conhecer essa alma bemfazeja, acha muitas vezes que ella mora n'um corpo d'exterior humilde e que não pertence na sociedade a jerarchia ou condição distincta. Entre as flores é a tulipa uma das que todos admiram pela fórma e elegancia: na variedade e brilho das côres, na combinação da luz e das sombras, não ha estofos, por mais finos e preciosos que sejam, que com ella rivalisem: e com tudo florescem todos os annos milhões de tulipas, que todas differem umas das outras, e cujas proporções e bellezas variam infinitamente. Seria possivel que uma obra tão prima fosse mera producção do cego acaso, sem intervenção de uma causa intelligente?—Verdade é que ao presente se per-

petuam as tulipas pelos bulbos ou cebolas; mas donde veio a primeira fabrica de obra tão acabada e a sua primitiva disposição, de que apenas são desenvolvimentos as combinações posteriores?—Não era preciso tanto, ou ainda mais, poder e intelligencia para crear uma tulipa, de que hãode nascer dez, como para crear as dez logo a um tempo?—Por isso o exame das formosuras da natureza nos encaminha á contemplação da Sabedoria incomprehensivel, que tão pasmosos objectos delineou com sublimada perfeição.

O cravo, tão frequente nos vasos e canteiros dos jardins, que em todos os tempos tem merecido o ser tratado pelas mãos delicadas e cuidadosas do sexo amavel, é das flores mais interessantes, reunindo á sua beldade um cheiro mui suave: no colorido disputa a primazia á tulipa, mas vence-a na multidão das folhas: pequeno numero de cravos perfumam o ar. Aqui temos pois um expressivo emblema de uma pessoa que reune o talento á individual formosura, e que attrahe o amor e respeito dos seus semelhantes.

A rosa, que nos campos de Flora obteve o sceptro, distingue-se pela fórma graciosa, pela distribuição e abundancia das folhas, pela symetria, pela harmonia do todo da flor; os aromas, as côres lhe dão realce: mas ah! quanto é transitoria e fragil entre as suas companheiras: cedo perde os attractivos que a glorificam! De tão linda obra da criação em breve só ficará uma pequenina haste arida e talvez morta: duraram um instante a sua vida e gentileza: as folhas desfalecem, as côres amortecem, e a flor, que ainda ha pouco era comparada á virgem graciosa no viço da mocidade, jaz convertida, como á donzella acontecerá um dia, em espectro do que foi, em esqueleto disforme.—Louçã e fogosa juventude, considerai nas flores a imagem do destino que vos aguarda: pareceis-vos com ellas na formosura, com ellas vos parecereis na brevidade da duração. Quão prestes se definham as violetas e os jacinthos, quando o despiedado bóreas com rijos sopros lhes açouta as hastes e as mimosas corollas! Pensai, mancebos, na sorte que vos ameaça, não vos jacteis dos dotes corporeos, não vos entregueis a tresloucadas alegrias, a prazeres buligosos e perjudiciaes: e vós, sexo delicado, que as sedutoras graças adornam, que os regozijos e passatempos circumdam, que com a presença risonha amenisais o sitio mais melancolico, não confieis em passageiros attractivos, que pelo mais leve e imprevisito acaso se perdem, não vos ensoberbeçais com a frescura da juvenil idade: vêde quanto duram as lindas rosas! Como se dissipou a fragancia tão grata, que exhalavam! Como a bonina dos prados desabrocha do tenro calice, que a encerrava, abristes os olhos á clara luz do dia; mas sopra o vento furioso, ella desaparece; sumir-se-ha como a della a vossa beldade; e apenas haverá confusa e transitoria lembrança do logar onde brilhastes.—Tal é a felicidade deste mundo! Não ha bens constantes, senão a sabedoria e a virtude, que são o manancial inexaurivel de consolações, e o penhor da sempiterna ventura.

Poderemos agora formar idéa cabal e exacta das flôres. Se meditarmos o que deixámos exposto, não as teremos por umas producções do acaso, sementeas avulsamente e sem designio pela terra: acharemos que alem das funções essenciaes da vegetação, são destinadas para regozijo do olfacto e da vista: outras muitas utilidades nos provem dellas, porque nos ministram saborosas pastilhas, deliciosas essenciaes de cheiro, e sobre tudo cópia de remedios, que mitigam as enfermidades.—Em conclusão, ninguem po-



derá ser athêu, se attentamente examinar uma flôr; quem vestiu com tantas galas as florinhas campestres, senão o Poder Omnipotente? Como poderia o cégo e informe montão de átomos insensíveis formar obras tão regularmente organisadas, sem a intervenção de uma força intellectual e espirital, e superior á intelligencia humana, porque esta sim póde dirigir a cultura e promover o crescimento das plantas, mas nunca poderá crear um germen novo, que produza uma tribu de plantas novas? Claro está que só a vontade suprema de Deus e a sua sabedoria infinita podiam crear o universo, e que estes excelsos attributos se revelam na mais pequenina parte de toda a vasta creação. — Daqui se deduz tambem que o estudo da natureza, além de ser grandemente proveitoso pelas utilidades que facilita no commercio da vida humana, é moral em summo grau: duplicada razão esta para que o frequentem os homens, que desejam exercitar vantajosamente as nobres faculdades da sua alma.

### RIO NILO.

O NILO deve parte da sua celebridade ás particulares circumstancias do paiz por onde faz o seu curso, que é um dos mais conhecidos no mundo e nos tempos antigos mais civilizado. O crescimento annual das aguas não é só peculiar a este rio. — O Niger, o Ganges e varios outros tambem estão sujeitos a inundações periodicas. Todavia como desta circumstancia só houve conhecimento depois de ter o Nilo a reputação de primeiro rio do mundo, em nada as descobertas posteriormente feitas diminuíram a sua antiga fama. A difficuldade em achar a origem do Nilo não tem contribuido pouco para o interesse que este grande rio excita. — É objecto que no Egypto occupou sempre a attenção dos curiosos e emprehendedores; contando-se haver Sesostris declarado que preferia ás conquistas que fizera a honra de descobrir a nascente do mesmo rio. — Alexandre o Grande empregou, mas debalde, alguns ethiopes intelligentes nestas indagações; e Ptolomeu Philadelpho procurou realizar similhante empreza, bem que infructuosamente, por todos os meios que podia suggerir a sabedoria humana. O imperador Nero commetteu-a a dois centuriões, que voltaram summamente contristados por nada haverem conseguido. Tentou-se de novo a descoberta reinando o imperador Justino; porem o monge mandado para esse fim não foi mais feliz do que os seus antecessores. Estas tentativas não proseguiram mais, até que Bruce com uma perseverança e zêlo superiores a todo o elogio teve a gloria de descobrir a nascente do Nilo. O prazer em que trasbordou a alma de Bruce ao vêr realisada tão ardua empreza, e a indifferença que sentiu depois de modificadas as primeiras idéas de triumpho, melhor o expressam as suas proprias palavras: —

«É mais facil, diz Bruce, sentir do que explicar o estado do meu coração ao ver-me em logar tão procurado de cuidadosos investigadores, e em cuja descoberta se empenharam, pelo espaço de quasi 3,000 annos, o genio e industria de antigos e modernos. — Reis houve que á frente de numerosos exercitos tentaram tão alta empreza; porem cada expedição só se distinguia da antecedente pela differença numerica dos que nella pereciam, assimilhando-se apenas nos revezes e desalento que todas soffriam. Honras e riquezas tudo se offereceu durante seculos a quem apresentasse resultado de algum interesse; mas não foi possivel achar um só homem que satisfazendo o desejo de tantos principes concorresse deste modo pa-

ra o credito da sua nação e progresso da geographia. — Posto que obscuro bretão estou convencido de que triumphei de todos os reis e seus exercitos; e quaesquer comparações que se façam entre as suas e minha empreza, todas contribuirão para o augmento da gloria que me cerca. — Apenas me approximei á nascente do Nilo logo me vi rodeado de perigos e difficuldades, a menor das quaes seria capaz só per si de fazer-me recuar, se tão visivelmente me não defendesse a bondade e protecção divina. Quanto mais eu adiantava maior era a afflicção, e confesso que vi quasi murcha a corôa de louro que tão prematura e imprudentemente para mim preparára.»

A ambição do homem e o desejo de conseguir tudo o que appetee, e julga por algum titulo vantajoso, está bem retratada nas seguintes reflexões de Bruce:

«Estive algum tempo de posse [diz elle] do que fôra por muitos annos o principal objecto de minha ambição, ao que se seguiu a indifferença que segundo a usual enfermidade da natureza humana, vem sempre apoz a completa satisfação dos nossos desejos. Representavam-se-me as magnificas scenas do meu paiz natal, aonde nascem n'uma eminencia o Tweed, o Clyde, o Aman — tres rios não inferiores ao Nilo em formosura, e que derramam a abundancia sobre o terreno que elles banham: — rios junto a cujas deliciosas margens habitam homens de apreciaveis qualidades, e pastores de tranquilllos e numerosos rebanhos, que defendem da violencia do homem e do terror das feras. — Vi a nascente do Rheno, do Rhódano e tambem a do Saône, e comecei as minhas investigações, em quanto á origem do Nilo, para disfarçar agudas penas que me traspassavam a alma: — o desalento e amargura cahiam sobre mim em torrentes. Fatigado, e sem achar repouso algum, levantava-me da cama na maior agonia, dirigindo-me á porta da minha habitação: tudo encontrei no mesmo estado. O Nilo, cuja nascente eu descobrira, já não tinha forças para me restituir a paz e a alegria; mas o frio e serenidade da noute fortaleciam-me os nervos e dissipavam os fantasmas, que no leito do descanso me atormentavam. Verdade é que em minhas excursões muitos cuidados e penas me saltaram; porem tambem é certo que outro guia mais poderoso do que a minha coragem, entendimento e saude me protegeu em tão ousada empreza. Nunca me desanimaram os terriveis transes porque passei, nem perdi a fé de que o mesmo guia me conduziria com vida ao centro de minha familia. Quando menos o esperava recobrei a minha antiga força, e considerando a descoberta da origem do Nilo como digna de por ella arriscar a propria vida, resolvi-me a ganhar um trophéu, que não podia ter competidor, para honra do soberano cujo subdito eu era.»

O Omnipotente em sua sabedoria, parece haver ordenado que muitas das produções da natureza, ainda que tão perfectas, carecessem de retoques da mão do homem; é assim que mediante os cuidados do lavrador o trigo cresce para sustentação do mesmo homem; alguns paizes que no estado da natureza só appresentam florestas extensissimas, pantanos doentios e desertos estereis, são convertidos em risonhos prados, em campos de viçosas pastagens e em bosques de rasoavel extensão. A cultura os faz salubres, e o grande fim do Auctor da natureza é correspondido pela industria e trabalho que provem das nobres faculdades com que dotou o homem.

O rio Nilo comprova a verdade destas observações, porque a não ser o modo com que se repartem as suas aguas fertilizadoras, o Egypto seria um areal deserto. — Para que isto não succeda é que o Crea-



dor resolveu que o Nilo regasse annualmente tão bello paiz. Porem a elevação que o rio toma não é uniforme, nem o Egypto é tão plano que deixe de ficar exposto ao estrago que inevitavelmente causa a passagem das aguas; e eis o motivo porque os seus antigos habitantes construiam canaes que levassem as aguas aonde de outro modo não poderiam chegar. Algumas destas excellentes obras se conservam ainda em menos mau estado, achando-se outras em total ruina pela incuria dos modernos egypcios que assim teem concorrido para que o paiz seja menos fertil do que era nos antigos tempos, em que Roma carecia de grande quantidade de trigo para a manutenção do imperio, e das provincias que lhe estavam sujeitas.

No meio do rio, e não longe do Cairo, encontra-se uma ilha artificial, edificada pelos sarracenos, e denominada *Rodda*, em consequencia do objecto para que serve. Vê-se alli uma columna graduada, a que chamam Nilometro, pela qual se sabe a que altura chegou a agua: se ella subiu a dezeseis cubitos, o povo se alegra extraordinariamente na esperança de grande colheita, porem se desce muito abaixo, principia elle a temer grande escacez de cereaes. Apenas cessa a inundação, ao lavrador só resta lançar a semente no terreno saturado, cobrindo-a levemente de terra. Dentro em pouco tempo cresce a semente, e a terra que mezes antes parecia um deserto arido, abrasado pelos raios de sol ardente, se transforma, como por encanto, n'um ameno e risinho prado, que em breves dias se converte em abundante celleiro para quem o cultiva.

Em o Nilo concorre a circumstancia de estar mui ligado aos factos da historia sagrada e profana. Foi junto ás suas margens que Faraó teve o sonho das duas espigas de trigo, e das duas vacas, gorda, e magra; e que se desenvolveu a actividade de José, quando interpretando estes sonhos, juntou nos sete annos de abundancia todo o genero de provisões para não ser victima este paiz dos horrores da fome. O berço do legislador dos judeus tambem fluctuou sobre as aguas do Nilo, donde o mandou tirar a filha de Faraó, que por esta causa lhe deu o nome de Moisés. Que terrivel aspecto appresentaria este grande rio, quando as suas aguas se transformassem em sangue! Que férreo coração deveria ter Faraó para não ficar commovido á vista de tão estupenda maravilha! Admira-nos que elle ousasse desobedecer aos mandados do Senhor depois de tão convincente prova do seu poder, e não reflectimos que nos tornamos diariamente réus de iguaes crimes, e com convicções igualmente fortes!...

#### VIDRADO DA LOUÇA DE BARRO, CHAMADA FAIANÇA.

As PEÇAS de louça, com o seu ornato de pintura, como já se disse são levadas a um operario que as vai mergulhando na cuba ou tina, que contem o mixto bem dissolvido, que lhes hade dar o vidrado. As substancias que compoem o vidrado estão dissolvidas em agua, que sendo absorvida pela massa do barro deixa uma capa delgada de pó vidrento sobre a superficie; uma sacudidella, dada com destreza, em movimento circular, a cada peça, na occasião de a tirar do fluido, faz com que o vidrado fique por igual, sacudindo o superfluo. Estas composições dos mixtos que fazem o vidrado requerem grande attenção: se não forem sufficientemente brandas e liquidas, as peças sahẽ faltas de brilho e sarabulhentas nas bordas; se o forem de mais, as camadas

do vidrado ficam desiguaes e mui susceptiveis de se roçarem e consumirem. Tambem é necessario que no vidrado se attenda ao colorido dos ornatos. As côres azues requerem um vidrado que suppra o oxigenio para levar o cobalto ao estado de peróxido; pelo contrario, as verdes devem ser cobertas com um vidrado o mais livre do oxigenio que for possivel, e antes seja carbonaceo, afim de levar o chromio ao estado de protoxido: a alvaiade ou o nitro podem ser proveitosos no primeiro caso, como são prejudiciaes no segundo.

Os seguintes vidrados são excellentes, e teem sido felizmente applicados nas fabricas do Staffordshire, em Inglaterra, que com muito credito seu fornecem os melhores mercados da Europa e da America.

*Vidrado côr de leite.* Alvaiade 66 partes, *cornish granite* 22, *flint* (1) 12 partes.

Outro denominado *printed-ware*; [barro estampado?] — Alvaiade 45, *cornish granite* 28, *flint* 13, *flint-glass* [cristal de roca?] 14.

Nestes os ingredientes são simplesmente moídos juntos, e por isso se denominam *vidrados crus*, para distincção dos que teem uma porção dos materiaes primeiramente ligados por calcinação como um vidrado em principio; por este processo effectua-se uma mais completa combinação, bastará uma capa mais delgada de vidrado, e o barro não é tão sujeito a estalar com a mudança de temperatura.

*Vidrado cosido como vidro* [fritted glaze]. *Cornish granite* 30 partes, *flint* 16, minio ou zarcão 25, soda 12, borax 17: mistura e calcina, e depois toma deste mixto calcinado 26 partes, *cornish granite* 15, *flint-glass* 10, *flint* 9, alvaiade 40: moe tudo com um pouco de oxido de cobalto para augmentar a brancura.

*Drab-ware*.—*vidrado* assim chamado. *Lithargirio* 56, *cornish granite* 20, *flint* 24.

*Vidrado azul.* *Flint* 40, borax 24, minio 16, *cornish granite* 7, soda 5, oxido de estanho 5, oxido de cobalto 5. Calcina juntamente, depois moe ajuntando-lhe um pouco de cinzento de perolas.

*Dito verde.* Dissolve seis libras de cobre e fa-lo precipitar com uma dissolução de borax; ao que ajunta 10 quartas partes do vidrado branco.

*Dito amarello.* Cora o vidrado branco com *amarrello real* [king's yellow] (2) até ficar a tinta carregada como se desejar; ou com o chromato de chumbo.

*Dito preto.* Minio 74, *flint* 14, manganese 10, protoxido de ferro 2 partes.

Quando as peças de louça tem sido mergulhadas no mixto do vidrado, deixam-se enxugar e poem-se em caixas, que são lavadas pela banda de dentro com uma composição de vidrado com argila e cal: as peças se hão de collocar de modo que não toquem umas nas outras para não ficarem pegadas. O forno do vidrado é muito mais pequeno que o da massa do barro, tendo perto de 13 pés de diametro e de 15 d'alto, e consome sete toneladas inglezas de 20 quintaes de carvão de cada fornada. Tiradas do forno são tocadas as peças de louça uma por uma para se conhecer se estão saãs, e as projecções do vidrado ou escabrosidades se alisam com cinzeis d'ago ou com limas: ficando então a louça prompta para a venda.

(1) Pomos alguns nomes em inglez para que os fabricantes possam mandar procurar esses materiaes fóra, ou indagar se os temos no paiz.

*Flint* significa calhau, seixo, e tambem pederneira.

(2) Será preciso indagar de pintores entendidos ou de artistas inglezes que substancia é esta; assim como a acima mencionada de *cinzento de perolas* (*pearl-ash*).